

Índice

Prefácio	11
Darwin e o Significado das Flores	15
Velocidade	35
Senciência: A Vida Mental das Plantas e das Minhocas	61
A Outra Via: Freud como Neurologista	75
A Falibilidade da Memória	93
Lapsos Auditivos	111
O Eu Criativo	117
Uma Sensação Geral de Mal-Estar	133
O Rio da Consciência	143
Escotoma: Esquecimento e Incúria na Ciência	163
Bibliografia	191



Prefácio

Duas semanas antes da sua morte, Oliver Sacks descreveu-nos o conteúdo de O Rio da Consciência, o último livro que viria a rever, e encarregou-nos de tratar da sua publicação.

Um dos muitos catalisadores deste livro foi o convite que Sacks recebeu, em 1991, de um realizador holandês para participar numa série documental para televisão intitulada Um Magnífico Acidente. No último episódio, seis cientistas — o físico Freeman Dyson, o biólogo Rupert Sheldrake, o paleontólogo Stephen Jay Gould, o historiador da ciência Stephen Toulmin, o filósofo Daniel Dennett e o Dr. Sacks — juntaram-se em volta duma mesa para discutir algumas das questões mais importantes que os cientistas investigam: a origem da vida, o significado da evolução, a natureza da consciência. Durante a animada discussão, uma coisa ficou clara: Sacks era capaz de se mover fluidamente por entre todas as disciplinas. O seu domínio da ciência não se limitava à neurociência ou à medicina; entusiasmavam-no as controvérsias, as ideias, os problemas de todas as ciências. Essa ampla competência e paixão animam a perspectiva deste livro, no qual o autor interroga a natureza não só da experiência humana, mas também de toda a vida (incluindo a vida vegetal).

Em O Rio da Consciência, Sacks debruça-se sobre a evolução, a botânica, a química, a medicina e a neurociência, além

das artes, e invoca os seus grandes heróis científicos e criadores — acima de todos, Darwin, Freud e William James. Para Sacks, estes escritores foram, desde tenra idade, constantes companheiros, e muito do seu trabalho pode ser encarado como uma longa conversa com eles. Como Darwin, ele era um observador sagaz e adorava colecionar exemplos, muitos dos quais extraídos da sua vastíssima correspondência com pacientes e colegas. Como Freud, sentia-se atraído pela compreensão do comportamento humano no que este tem de mais enigmático. E, como James, mesmo quando aborda temas teóricos, como nas suas investigações sobre o tempo, a memória e a criatividade, a sua atenção mantém-se na especificidade da experiência.

Alguns destes ensaios apareceram pela primeira vez na The New York Review of Books, e o Dr. Sacks quis dedicar este livro a Robert Silvers, seu editor, mentor e amigo durante mais de trinta anos.

Kate Edgar, Daniel Frank e Bill Hayes

O Rio da Consciência



Darwin e o Significado das Flores

Todos conhecemos a história canônica de Charles Darwin: o homem de vinte e dois anos que embarca no *Beagle* e vai até aos confins da terra; Darwin na patagônia; Darwin nas pampas argentinas (onde consegue laçar as pernas do seu próprio cavalo); Darwin na América do Sul, recolhendo ossos de gigantescos animais extintos; Darwin na Austrália — ainda religioso — espantado ao avistar pela primeira vez um canguru (“obra, por certo, de dois Criadores diferentes”). E, claro, Darwin nas Galápagos, percebendo como os tentilhões eram diferentes em cada ilha, começando a experimentar a sísmica mudança na compreensão do modo como os seres vivos evoluem, e da qual resultaria, um quarto de século mais tarde, a publicação de *A Origem das Espécies*.

A história atinge o seu ponto mais alto aqui, com a publicação da *Origem* em novembro de 1859, e tem uma espécie de pós-escrito elegíaco: a visão de um Darwin idoso e enfermiço, afadigando-se inutilmente nos seus jardins em Down House ao longo dos vinte e poucos anos que ainda lhe restavam, sem qualquer plano ou projeto definido, talvez publicando ainda mais um dois livros, mas com a sua obra principal há muito terminada.

Nada podia estar mais longe da verdade. Darwin permaneceu intensamente sensível tanto às críticas como aos indícios

que apoiavam a sua teoria da seleção natural, o que o levou a publicar nada menos do que cinco edições da *Origem*. Darwin até pode ter-se retirado (ou regressado) para o seu jardim e as suas estufas depois de 1859 (a propriedade de Down House incluía extensos terrenos, e cinco estufas), mas para ele estes tornaram-se máquinas de guerra, a partir dos quais arremessaria grandes mísseis de provas aos cétricos no exterior — descrições de extraordinárias estruturas e comportamentos em plantas, que seria muito difícil atribuir a uma criação ou desígnio especial — um conjunto de provas a favor da evolução e da seleção natural ainda mais esmagadoras do que as apresentadas na *Origem das Espécies*.

Estranhamente, nem sequer os especialistas em Darwin prestaram grande atenção a estes seus trabalhos botânicos, apesar de os mesmos terem dado azo a seis livros e a setenta e tal artigos. Assim, Duane Isely, no seu *One Hundred and One Botanists*, publicado em 1994, escreve que, embora

se tenha escrito mais sobre Darwin do que qualquer outro botânico alguma vez existente [...] raramente [ele] é apresentado como botânico [...] A circunstância de ter escrito vários livros sobre as suas pesquisas com plantas é mencionada em grande parte dos estudos a seu respeito, mas de passagem, um pouco no espírito de: “Bom, o grande homem precisa de se divertir de vez em quando.”

Darwin sempre teve uma especial ternura pelas plantas, e também uma especial admiração. (“Sempre me agradou exaltar as plantas enquanto seres organizados”, escreveu na sua autobiografia.) Darwin cresceu numa família de botânicos — o seu avô, Erasmus Darwin, escrevera um longo poema, em dois volumes, intitulado *The Botanic Garden*, e o próprio Charles cresceu numa casa cujos extensos terrenos estavam repletos não só de flores, mas de inúmeras macieiras híbridas, cruzadas para lhes aumentar o vigor. Nos seus tempos de estudante em